

**TEMPO, ASPECTO E MODO NA LÍNGUA KAINGANG DO SUL (JÊ),
EM CONTEXTOS DISCURSIVOS: UMA DISCUSSÃO INICIAL**Solange Aparecida GONÇALVES¹

RESUMO: Neste trabalho faço inicialmente uma breve exposição sobre meu projeto de Doutorado (IEL, Unicamp - início 2007) que se propõe a descrever o funcionamento das categorias Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang do Sul (Família Jê, Tronco Macro-Jê) a partir da observação de seu emprego em contextos discursivos, ou seja, em textos orais e escritos. Assume-se que a expressão lexical dessas categorias só pode ser adequadamente aferida no uso corrente da língua, ou seja, no discurso fluente e conhecidas suas condições de produção. Na seqüência, exemplifico com alguns dados de campo que estão atualmente sendo sistematizados.

Palavras-chave: Aspecto; Tempo; Modo; Kaingang; Textos.

ABSTRACT: In this paper I make, initially, a short explanation on my research project of graduate studies (doctorate in Linguistics, at IEL, Unicamp - beginning 2007) that intends to describe the operation of the categories Time, Aspect and Mood in the Southern Kaingang language (Jê family, Macro-Jê stock) from the observation of his use in discursive contexts, in other words, in oral and written texts. It is assumed that the lexical expression of those categories can be appropriately checked only in the current use of the language, i.e., in the fluent speech, knowing their conditions of production. It follows an initial discussion of some field's data which are being now systematized.

Keywords: Aspect; Time; Mood; Kaingang; Texts.

1. Introdução

Dentre as línguas da família Jê, o Kaingang é particularmente simples em sua morfologia, de maneira que as complexidades semânticas se apóiam, sobretudo na sintaxe e, nesta, a expressão das categorias Tempo, Aspecto e Modo se mostra de uma altíssima relevância para o entendimento dos sentidos pretendidos pelos falantes. É por meio delas, por exemplo, que em boa parte das expressões lingüísticas em Kaingang se pode saber se um evento realizou-se efetivamente ou não, se realizou-se por completo ou apenas parcialmente, se foi reiterado ou se trata-se de uma prática costumeira, se frustrou uma expectativa, etc. Assume-se que a expressão lexical dessas categorias só pode ser adequadamente aferida no uso corrente da língua.

¹ Doutoranda do programa de Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/ Unicamp (Bolsista do CNPq). Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis.

Assim, o objetivo geral do meu projeto é descrever o funcionamento das categorias Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang com base em um *corpus* constituído de textos espontâneos (orais e escritos), não resultantes de tradução a partir do Português. Em termos de objetivos específicos pretendo verificar: i) as possibilidades e recursos de distinção dessas categorias e suas inter-relações no Kaingang e ii) a aplicabilidade da noção de Acionalidade (*Aktionsart*) à língua Kaingang por sua autonomia ou não em relação à categoria e noção de Aspecto.

Objetivo também contribuir na valorização e no fortalecimento da língua e nas reflexões teóricas acerca dos processos de gramatização, das relações entre oralidade e escrita e nos programas de formação de professores indígenas.

2. Quem são os Kaingang? É possível falar de uma única língua Kaingang?

O Kaingang (família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999)) é uma língua indígena falada no Brasil Meridional por uma população de cerca de 30 mil pessoas distribuídas em aproximadamente 30 distintas áreas indígenas entre os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Pela extensão na distribuição geográfica desse povo, parece claro que não é possível falar da língua Kaingang como um idioma invariável falado nessas muitas áreas indígenas.

Segundo Wiesemann² (1971 e 2002) as comunidades Kaingang desenvolveram cinco dialetos:

- (i) dialeto de São Paulo: no norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo (correspondendo às áreas de Vanuíre, Icatu e Araribá).
- (ii) dialeto do Paraná: entre os rios Paranapanema e Iguaçu (áreas de Apucarana, Barão de Antonina, Queimadas, Ivaí, Faxinal, Rio das Cobras e Guarapuava).
- (iii) dialeto Central: entre os rios Iguaçu e Uruguai (áreas de Mangueirinha, Palmas (PR) e Xapecó (SC)).
- (iv) dialeto do Sudoeste: sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo (áreas de Nonoai, Guarita e Inhacorá (RS)).
- (v) dialeto do Sudeste: sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo (áreas de Votouro, Ligeiro, Carreteiro e Cacique Doble (RS)).

² Pesquisadora missionária do SIL (Summer Institute of Linguistics) que sistematizou a língua Kaingang nos anos 60 com base em uma pesquisa conduzida inicialmente sobre o dialeto Kaingang falado em Rio das Cobras (PR).

D'Angelis (2008), discordando desta classificação, aponta que “embora didática, não é segura ou razoável em muitos aspectos”. Ele pode verificar em seu trabalho que apesar de em certas regiões haver distinção dialetal, também foi possível verificar muitos pontos em comum, por exemplo, entre Nonoai e Votouro que “se situam em lados opostos do Rio Passo Fundo, rio que, para Wiesemann, seria o ‘divisor’ entre os dialetos Sudoeste (ao qual pertenceria Nonoai) e Sudeste (ao qual pertenceria Votouro)”. Alternativamente - e tratando, em seu trabalho, da Fonologia do Kaingang - D'Angelis emprega uma distinção em macro-dialetos: Kaingáng PR, Kaingáng SP e Kaingáng Sul (i.e, SC e RS).

Neste trabalho utilizo essa perspectiva ao considerar a língua Kaingang do Sul.

3. Justificativa e metodologia

Em *Aspecto no Kaingang* (Gonçalves, 2007) – evidenciaram-se duas características importantes para a compreensão e análise do funcionamento sintático do Kaingang:

- a) as relações muito próximas e, às vezes, aparentemente inextrincáveis das três categorias que se quer estudar nesse projeto;
- b) o papel fundamental das categorias Aspecto e Modo na construção do sentido na frase Kaingang.

Por outro lado, nesta minha pesquisa de Mestrado apresentaram-se dificuldades e problemas com as frases eliciadas, tanto pela insegurança na caracterização dos sentidos pretendidos, como pela dificuldade de precisar os contextos.

No que se refere ao contexto, há duas ordens de fatores intervenientes:

– em primeiro lugar, há o contexto do momento da coleta da informação lingüística: enquanto para mim, pesquisadora, o contexto era apresentado verbalmente (construía uma situação hipotética), eventualmente o falante abandonava a ‘construção verbal’ proposta, atendo-se ao contexto real do ‘momento’ (ou da conjuntura) em que estávamos interagindo. Nem sempre me era possível saber quando isso estava acontecendo, mas algumas vezes pude perceber isso ao analisar com cuidado os dados.

– em segundo lugar, o contexto é também culturalmente delimitado, o que o pesquisador nem sempre tem domínio suficiente para avaliar.

Estabeleceu-se, então, para a presente pesquisa, a necessidade de buscar um *corpus* de textos, orais e escritos, produzidos de forma espontânea, querendo significar, produzidos originalmente em Kaingang, sem ter por referência ou modelo uma frase ou um texto produzido primeiramente em Português.

Para essa descrição e análise pretende-se seguir, em uma primeira aproximação, as práticas e procedimentos dos estudos tipológicos e funcionais. Serão catalogadas e agrupadas todas as ocorrências de um mesmo marcador aspectual ou de modo, e serão analisadas as combinações possíveis e as combinações preferenciais entre diferentes marcadores e diferentes funções no domínio de um mesmo texto.

4. Algumas definições teóricas

Antes de seguir para as exemplificações, julgo necessário mencionar algumas definições e conceitos teóricos de que lanço mão ao longo deste trabalho.

Em relação à *Referência Temporal* utilizo o conceito presente em Bertinetto (1991, p. 23): “é uma referência dêitica que se pode representar numa suposta ‘reta / seta do tempo’ quando os eventos são posicionados nesta e os ‘fenômenos aspectuais’, *latu senso*, seriam não dêiticos” .

Quanto ao Tempo, sigo Lyons (1979, p. 290): “*Tempo* é considerado uma ‘categoria dêitica’ e localiza a situação no ‘tempo’, usualmente com referência ao momento presente (mas também em outras situações)”.

Hans Reichenbach em seu livro *Elements of Symbolic Logic* (1947) sugere um modelo para estruturação dos Tempos Verbais para o Inglês (pressupondo, entretanto, que poderia ser extensivo a outras línguas) assumindo que os Tempos verbais exprimem o tempo em relação ao momento do ato de fala de um enunciado e a um terceiro momento conhecido como Momento de Referência. Dessa forma distingue:

- i) o momento da fala (*MF*);
- ii) o momento do evento (*ME*): assim chamado o momento (ou instante, intervalo) no qual se desenrola (desenrolou ou desenrolará) o evento em questão localizado a partir do *MF*;
- iii) o momento de referência (*MR*): através do qual o falante transmite ao ouvinte a sua perspectiva temporal.

Na língua Kaingang parece ser bastante relevante, especialmente em narrativas, considerar o Momento de Referência na expressão temporal.

A noção de *Aspecto* aqui utilizada baseia-se em Ilari e Basso (2005, no prelo):

Aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma ‘perspectiva’ (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-européia *spek*, a mesma que encontramos em *perspectiva*) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases.

Note-se que em Kaingang os marcadores de Aspecto são derivados de verbos plenos, que são dessemantizados ou têm seu conteúdo semântico reduzido a um conceito abstrato, para cumprir aquela função.

Em termos de Perfectividade e Imperfectividade estarei considerando:

a) Perfectividade - apresenta o evento com a consideração de seu ponto final ou a perspectiva de sua conclusão. (o evento não precisa estar necessariamente concluído).

b) Imperfectividade - apresenta o evento inconcluso ou não considerando a perspectiva de conclusão ou seu ponto final.

Nos dados também se encontram partículas evidenciais e para o conceito de Evidencialidade utilizo Aikhenvald (2004/2006, p. 4):

Evidencialidade é uma categoria lingüística cujo significado primário é ‘fonte de informação’. Para ser considerado um evidencial um morfema tem que ter ‘fonte de informação’ enquanto significado nuclear, ou seja, não-marcado ou interpretação default.³

Não tenho neste momento como afirmar de forma categórica se na língua Kaingang os marcadores de evidencialidade também exercem alguma função modal ou de modalidade; entretanto, em uma primeira aproximação estarei considerando, como em Aikhenvald (2004/2006), que são categorias independentes, apesar de ocasionalmente poder existir uma ligação entre elas.⁴

5. Alguns exemplos prototípicos e outros nem tanto...

A maior parte dos exemplos citados neste trabalho são provenientes de dados recolhidos por mim junto a comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul em abril e julho de 2008 e são provenientes de gravações de narrativas e falas espontâneas transcritas ainda em campo. Ressalvo que estão em fase de sistematização e que algumas hipóteses precisam de outras confirmações. Dados oriundos de outras fontes e de outros autores (alguns de textos escritos) estarão assinalados no próprio exemplo.

Trago a seguir uma breve exemplificação do que se encontra neste material e que, para efeito didático, apresentará as categorias separadamente. Adianto, entretanto, que neste

³ Ainda segundo Aikhenvald (2004/2006, p.11): “categorias não-evidenciais freqüentemente adquirem *extensões evidenciais*. Uma forma verbal, por exemplo: modo condicional, perfeito ou uma passiva podem desenvolver um significado tal qual um evidencial como um ‘efeito colateral’ sem ter a fonte de informação como sendo o significado primário”.

⁴ Aikhenvald (2004/2006, p.6) sustenta que, em muitas línguas, *irrealis* e marcadores de modalidade hipotética podem ocorrer conjuntamente com evidenciais demonstrando que são distintas categorias.

momento não estão suficientemente esclarecidas as relações entre as categorias de Tempo, Aspecto e Modo na língua e que serão necessárias outras informações para se verificar se os marcadores exibem mais de uma função sintática relativa a elas. Chamo igualmente a atenção também para o fato de que muitas vezes as traduções de uma língua para outra (no caso, Kaingang para Português) podem apresentar dificuldades e não serem equivalentes em termos das categorias analisadas.

5.1 Alguns exemplos da expressão de Tempo na língua Kaingang

5.1.1 Tempo Presente

O Presente pode ser expresso por:

a) meios lexicais - *ũri* - ‘hoje’; *ha* - ‘agora’ como em (1):

(1) *Hara inh panh tỹ isa gĩr kẽ kỹnỹ inh panh tỹ isa gĩr kẽ kỹnỹ krãn fãn hã tỹ nỹ nĩ ha inh primo Virso nĩ ẽn mĩ tỹ kãtĩg nĩ, jo ãn tỹ mer tá jẽ*

E a cana que meu pai plantava quando eu era criança é a que está ali, vem por onde o primo Virso mora (**agora, atualmente**) e a casa fica lá embaixo.

b) contextualmente - exemplificado em (2) abaixo onde não aparece nenhuma indicação lexical de referência temporal:

(2) *Mẽ. Hỹ hã tóg, mỹnh fi kóm ke fag vã ham. Kỹ fag tóg jagnã mré tugtó há nỹtĩ.*

Ah é? Pode ser, elas são da mesma idade da minha mãe. Então elas sabem contar (histórias) bem.

5.1.2 Tempo Passado

Parece que o Passado é interpretação *default* em enunciados Kaingang sem indicação Tempo-Aspectual marcada que possa localizar o evento em um momento de anterioridade ao da fala, mas cuja referência temporal está subentendida pelo contexto. É o que mostra o exemplo (3) no qual há uma narrativa de um fato ocorrido na infância da pessoa e que desta forma situa a tradução para o Português em um tempo Passado:

(3) *Kỹ inh panh ta genho nĩg ham, ... isa kinhra sĩ ta tĩg isa gĩr kẽ Nevó fi tỹ kỹnỹ krej kãtĩg ẽn ti ham.*

Então meu pai **tinha** engenho...lembro um pouquinho quando era criança a Nevó **veio** buscar cana.

Mas também o Passado pode vir expresso por verbos, por exemplo: **vyr** - passado do verbo ‘tĩ’ (‘ir’) ou **ké** - passado do verbo ‘dizer’ exemplificado em (4):

(4) *Ag mÿ ag tÿ ãjag tÿ ù nÿtĩ ke mÿr, ag je tÿ tÿ ãg tÿ ãn nÿtĩ ké hamã.*

Quando eles perguntaram quem são vocês, eles se identificaram (**disseram** nós somos aqueles).

Encontra-se ainda a expressão de Tempo Passado por meio de adjuntos adverbiais:

(5) *Kurã ãn kã hãmã, ag tÿ ãn tá hÿtĩg nĩn kã hamã.*

Naquele tempo, quando eles viviam bem.

(6) *Mÿnh fag ne tÿ hãra ser vãsÿ Topẽ mÿ to tĩ.*

As mães **antigamente** já contavam para ‘Topẽ’.

5.1.3 Tempo Futuro

Há um conjunto de verbos que podem receber ‘marca’ morfológica {-j}, de Futuro, que só inclui raízes que terminam em vogal:

(7) *Kar ãgóro ti ker, ãg tÿ ãgóro to koj jé.*

As verduras **né, para comermos** com as verduras.

(8) *... ù tÿ karnã ko tĩ, pi mókã katu ráráj mÿ.*

...quem comer carne não **lutará** contra as armas.

(9) *Kÿ ag pi tag ki mÿj mÿ, ke mÿ hamã.*

Então eles não **sairão** daqui, disseram.

Outros verbos usam as partículas de Futuro - **kej, ke, jé** - exemplificadas abaixo (10 e 11). É necessário ressaltar, entretanto, que ainda não possuo informações suficientes para apontar o motivo de escolha na utilização de uma e não de outra partícula nas construções e que isto estará sendo investigado em uma próxima viagem de campo.

(10) *...ag mÿ tÿ nén ù há tÿvĩ hÿnhan jé tog mÿ....*

...eles **vão fazer** coisas muito boas...

(11) *Ken je hamã Fongue ti... “vajkÿ ãg tÿ.. ùri ãg tÿ ag mré kej mÿ, kuty tá kuty tag kã...”*

Por isso o Fongue, “... amanhã nós ... hoje nós ‘lidaremos’ com eles, à noite, nesta noite...”

Note-se que em (11) acima o falante transmite ao ouvinte a sua perspectiva temporal apontando, apesar da presença de *ũri* (hoje), que o evento ainda se realizará em um momento Futuro - mais tarde... ‘nesta noite’, eles (os Kaingang) irão guerrear - que está indicado pela presença do marcador de Futuro (*kej*), mostrando a ação por acontecer.

A expressão de Tempo Futuro pode ser realizada também através de adjuntos adverbiais:

(12) *Vajkỹ ken vỹ ke tóg hamã. Vajkỹ ken vỹ ojto óra ki, ag tỹ ráráj há kỹ.*

Vai ser **amanhã**. **Amanhã** às oito horas, se eles quiserem brigar.

Encontram-se na língua Kaingang exemplos interessantes de tempo Futuro expresso pela marcação morfológica no Aspecto, como se pode verificar em (13) e (14):

(13) ...ũn rárá sor pi karnã ko **tĩj**...

...quem quer brigar não comerá carne...

Em (13), *ko* é o verbo comer, e o Aspecto *tĩ* recebe a marca morfológica apontando que o evento ‘comer’ ocorrerá em um momento futuro e possivelmente também sugere uma situação que ocorre habitualmente, ou seja, para ‘brigar, lutar’, normalmente não se deve comer carne ou não se come carne...

(14). ...*vajkỹ nove hora ki vājãn ta ki nỹtĩj.*

...amanhã às nove horas as comidas estarão aqui.

Da mesma forma, o exemplo (14), mostra que ‘as comidas (tradução de *vājãn* que significa originalmente ‘mistura’) *estarão* (aqui)’ - um evento que ocorrerá, portanto, posterior a esse Momento da Fala, através da utilização da marcação de Futuro no Aspecto *nỹtĩ*.

Esse fato da indicação de Futuro ocorrer com diferentes marcações morfológicas é uma questão a ser melhor investigada; entretanto, um dado de D’Angelis (2008)⁵ parece indicar a hipótese que os diferentes usos correspondem a diferentes focos para os quais o falante escolhe chamar a atenção. Por exemplo, em (15) abaixo, o foco está no evento - ‘ter aula’; contrastando com (16) em que o enfoque está no sujeito - ‘nós não teremos aula’, como se pode notar pelas traduções.

⁵ Comunicação pessoal.

(15) *Saudo kã ěg pi aura kej mũ.* (D'Angelis, 2008)

Sábado não terá aula (para nós).

(16) *Samano kã ěg pi aura nýtj mũ.* (D'Angelis, 2008)

Sábado não teremos aula.

5.2 *Perfectividade e Imperfectividade*

Por questões de limitação de espaço, apresento aqui apenas exemplos com o aspectual *mũ*, apontando o evento em uma perspectiva Perfectiva, e com o aspectual *tĩ*, que coloca o evento em uma perspectiva Imperfectiva:

(17) *Pri ham, povėj ãn tỹ ěg tỹ pri han, ãn kri nugnũr mũ.*

‘Esteiras’, fazíamos esteiras com samambaia e dormíamos em cima.

(18) *Mỹnh fag tỹ hara pĩ kri vévén ge tĩ gé, fag tỹ é, fag tỹ ěg jy nẽn tũki ham.*

Mas as mães passavam em cima do fogo também antes de colocar para nós.

Em (17) o Aspecto *mũ* indica que os eventos - fazer esteiras e dormir - estão conclusos em um Momento de Referência anterior ao Momento da Fala; enquanto em (18), *tĩ* mostra que ‘as mães habitualmente passavam (as folhas de palmeira) no fogo para fazer ‘esteiras’ para que eles dormissem em cima no chão’.

A exemplificação abaixo exhibe a presença dos dois marcadores aspectuais indicando a perspectiva de eventos considerando o seu ponto final já concluído e a perspectiva de habitualidade na realização dos mesmos:

(19) *Régró mãn fan mũ gé ser ham, régró. Kirér pan jé ěg ta ham é ěg ta ham ěg tỹ gěr pẽ sógsãm kỹ ser ham (...) goj tá nĩm kỹ três nija, quatro nija mỹ mỹnh fi tỹ kupe kỹ nĩm tĩ ser ham.*

Misturavam com feijão, com feijão. Fazíamos quirela socando milho comum (...) colocava no rio (na água) e em três ou quatro dias a mãe lavava e deixava.

5.3 *vẽ - expressão de modalidade?!*

Outra partícula que aparece nos dados é *vẽ* e, como observado anteriormente em Gonçalves (2007), precisa ser melhor avaliada, pois apresenta diferentes usos em diferentes

contextos. Apenas para efeito de exemplificação observe-se que em (20) abaixo, *vẽ* tem um papel ‘adversativo’ - é a presença desse marcador que mostra que o evento não ocorreu; entretanto, em (21), o marcador tem a função de confirmar o que foi dito, é um assertivo; portanto, utilizado como uma outra expressão de modalidade:

(20) *Ta ne kutẽ sór nỹ nĩ vẽ.* (Gonçalves, 2007)

Estava querendo chover (mas não choveu).

(21) *Ëgje kãmén hã vẽ.* (Joaquim, 2008)

É o que contam sobre essa armadilha.

5.4 Evidencialidade

No Kaingang não há, ao que parece, um sistema de evidencialidade complexo, entretanto na fala relatada há com certa frequência o uso de partículas evidenciais, que mostram a fonte de informação não sendo primária. Correspondem ao ‘diz que’, ou seja, algo que se soube por outra pessoa, que se ouviu de alguém. Os evidenciais podem variar na sua forma - *jétóg, jetá, jetỹ, jé, itóg*, mas são todos traduzidos igualmente por ‘diz ou dizem que’. Abaixo dois exemplos:

(22) *Padre jita ag kirĩr nỹgtĩ jítóg, padre ag tỹ ãn tá ag kirĩr nỹtĩg tĩ jítóg, padre tỹ hẽnrike ag.*

Diz que havia um padre entre eles, (**diz que**) havia alguns padres cuidando deles, vários padres.

(23) *Ag tỹ ki jamã jé ãn ã jeta ki nỹtĩ nĩ hamã, ag ki junjun mỹr ãn tẽgtũ, jeta ki nỹtĩ nĩ hamã.*

Para eles morarem ali, **diz que** tinha casas; quando eles chegaram ali **diz que** havia três casas.

Uma observação ainda a ser feita é que serão necessárias outras investigações para se verificar se outros marcadores aspectuais ou modais possuem também uma função de estratégia de evidencialidade. Há contextos nos quais isso parece ocorrer, mas de todo modo, outros dados precisarão ser analisados e discutidos com os falantes para se ter a confirmação dessas informações.

6. Considerações finais

Nesta breve apresentação importa também notar que muitos outros marcadores e outras várias informações (já confirmadas ou não) deixaram de serem citadas por questões de espaço. O objetivo maior mesmo, entretanto, era dar uma noção ao leitor de meu projeto de pesquisa apresentando alguns poucos exemplos que já mostram a riqueza e a complexidade da discussão sobre o assunto. Com certeza há muito ainda a se fazer e ao final se espera que os resultados possam contribuir para um melhor conhecimento da língua Kaingang e por consequência, das línguas Jê.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2004/2006, 452 p.
- BERTINETTO, Pier Marco Bertinetto, P. M. Il sintagma verbale. In Lorenzo Renzi & Giampaolo Salvi (Ed). **Grande grammatica italiana di consultazione**. Bologna:Il Mulino, 1991, p. 13-61.
- D'ANGELIS, W.. **Pensar o Proto-Jê Meridional e visitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana - Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado**. Brasília: UnB. Inédito, 2008.
- GONÇALVES, Solange A. **Aspecto no Kaingang**. 2007. 219f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas.
- ILARI, R. & BASSO, R. M. (2005 -1ª versão). Capítulo: Verbo. A sair no vol. II do **Projeto da Gramática do Português Falado**. Inédito.
- JOAQUIM, Dorvalino Kógjá. **Kanhgág jinjén – armadilhas Kaingang**. Tradução Márcia Nascimento. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.
- LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Cap. 3 (Categorias Gramaticais), 1979, p. 285 - 350.
- REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. Londres: MacMillan. 1947.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In DIXON, R. M. W., AIKHENVALD, A. Y. (orgs.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge U. Press. 1999, p.164- 206.
- WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). 1971, reeditado em 1981.
- _____. **Dicionário Kaingáng-Português, Dicionário Bilíngüe**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2002, p. 156-157.